

TEXTO: LAGO CHADE

A figura 1 mostra as mudanças de nível do Lago Chade, na região do Saara, no norte da África. O Lago Chade desapareceu completamente por volta de 20.000 a.C., durante o último Período Glacial. Por volta de 11.000 a.C. o lago reapareceu. Hoje, seu nível é quase o mesmo que era em 1.000 d.C.

A figura 2 mostra a pintura rupestre do Saara e a mudança de padrões da fauna.¹

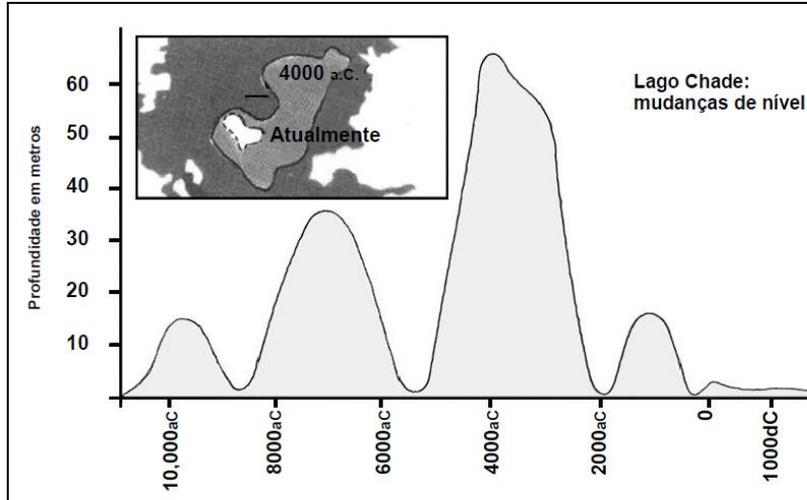


Figura 1

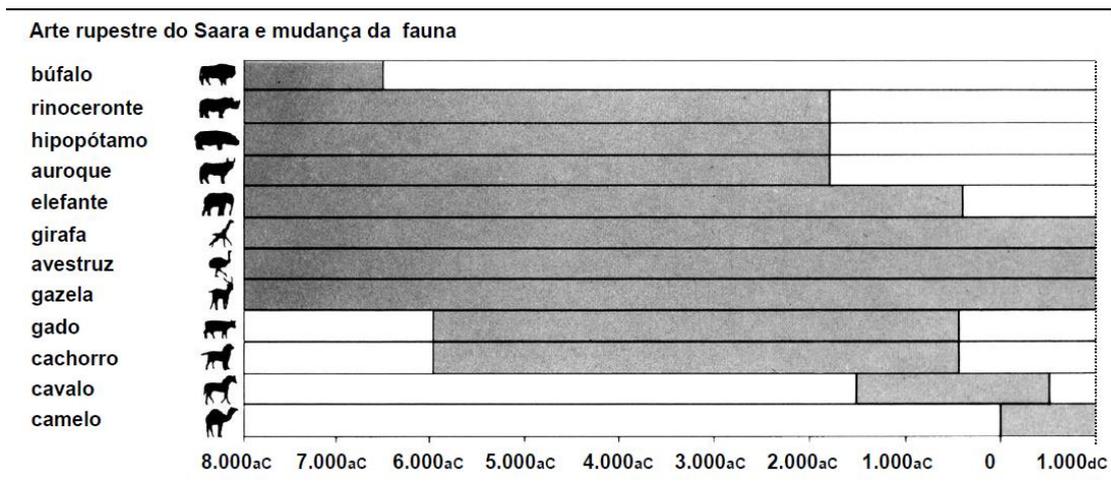


Figura 2

Use as informações sobre o Lago Chade da página ao lado para responder às questões abaixo.

LAGO CHADE QUESTÃO 1

Em que época a profundidade do Lago Chade foi maior?

TEXTO: LAGO CHADE

A figura 1 mostra as mudanças de nível do Lago Chade, na região do Saara, no norte da África. O Lago Chade desapareceu completamente por volta de 20.000 a.C., durante o último Período Glacial. Por volta de 11.000 a.C. o lago reapareceu. Hoje, seu nível é quase o mesmo que era em 1.000 d.C.

A figura 2 mostra a pintura rupestre do Saara e a mudança de padrões da fauna.¹

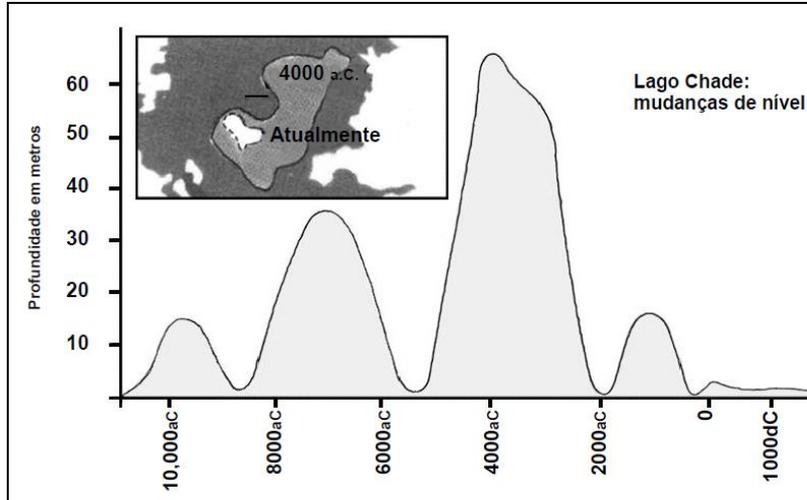


Figura 1

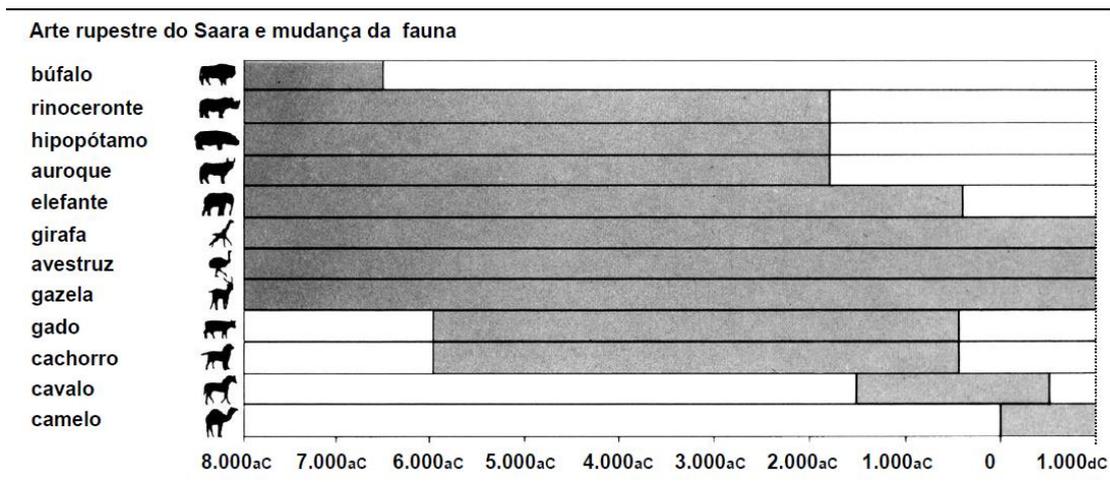


Figura 2

LAGO CHADE QUESTÃO 2

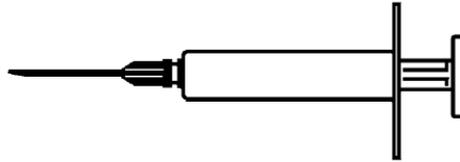
Qual é a profundidade do Lago Chade hoje?

- A Cerca de dois metros.
- B Cerca de quinze metros.
- C Cerca de cinquenta metros.
- D Ele desapareceu completamente.
- E Essa informação não foi fornecida.

PROGRAMA ACOL DE VACINAÇÃO VOLUNTÁRIO CONTRA A GRIPE

Como você deve sem dúvida saber, a gripe é capaz de atacar rápida e amplamente durante o inverno. Suas vítimas podem ficar doentes durante semanas.

A melhor forma de lutar contra o vírus é mantendo o corpo em forma e saudável. Exercícios diários e uma dieta que inclua bastante frutas e legumes são altamente recomendáveis para ajudar o sistema imunológico a combater esse vírus invasor.



A ACOL decidiu oferecer ao seu pessoal a oportunidade de se vacinar contra a gripe como meio adicional de prevenir que esse vírus insidioso se espalhe entre nós. A ACOL fez os arranjos necessários para que uma enfermeira venha administrar a vacina na empresa, durante um período de meio expediente, em horário de trabalho, na semana de 17 de maio. Este programa é grátis e disponível a todos os funcionários.

A participação é voluntária. O funcionário que se dispuser a tomar a vacina será solicitado a assinar uma declaração de consentimento indicando que não sofre de alergias e que está ciente de que poderá vir a sofrer efeitos colaterais.

A opinião médica é de que a imunização não provoca a gripe. Entretanto, pode causar alguns efeitos colaterais como fadiga, febre baixa e sensibilidade no braço.

QUEM DEVERIA SER VACINADO?

Qualquer pessoa que tenha interesse em se proteger do vírus.

Esta vacinação é especialmente recomendada a pessoas com idade acima de 65 anos. Mas, independentemente da idade, ela é indicada a QUALQUER pessoa que sofra de doença crônica debilitante, especialmente problemas cardíacos, pulmonares, dos brônquios ou diabetes.

Num ambiente de escritório, TODOS os funcionários correm o risco de pegar gripe.

QUEM NÃO DEVERIA SER VACINADO?

Pessoas muito sensíveis a ovos, as que sofram de algum distúrbio febril agudo e mulheres grávidas.

Verifique com seu médico, se você está tomando algum medicamento ou se teve alguma reação anterior a uma injeção contra gripe.



Se você deseja ser vacinado na semana de 17 de maio, por favor notifique à diretora de pessoal, Áurea Ramos, até sexta-feira, 7 de maio. A data e a hora serão determinadas de acordo com a disponibilidade da enfermeira, o número de participantes e o horário conveniente para a maioria do pessoal. Se você deseja estar vacinado neste inverno mas não pode comparecer no período estipulado, por favor informe Áurea Ramos. Uma sessão alternativa pode ser marcada se houver um número suficiente de participantes.

Para maiores informações, favor contatar Áurea Ramos no ramal 5577.

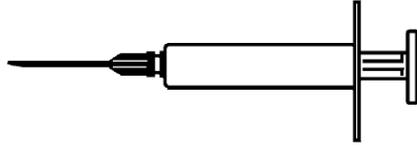
GRIPE – QUESTÃO 1

Qual o principal propósito de Áurea Ramos ao produzir este informativo?

- A. Incentivar a equipe da ACOL a se vacinar.
- B. Dar informações gerais sobre cuidados com a saúde durante o inverno.
- C. Informar a equipe sobre os serviços oferecidos pelo departamento pessoal.
- D. Advertir a equipe da ACOL a não vacinar quem sofre de alergia.

PROGRAMA ACOL DE VACINAÇÃO VOLUNTÁRIO CONTRA A GRIPE

Como você deve sem dúvida saber, a gripe é capaz de atacar rápida e amplamente durante o inverno. Suas vítimas podem ficar doentes durante semanas. A melhor forma de lutar contra o vírus é mantendo o corpo em forma e saudável. Exercícios diários e uma dieta que inclua bastante frutas e legumes são altamente recomendáveis para ajudar o sistema imunológico a combater esse vírus invasor.



A ACOL decidiu oferecer ao seu pessoal a oportunidade de se vacinar contra a gripe como meio adicional de prevenir que esse vírus insidioso se espalhe entre nós. A ACOL fez os arranjos necessários para que uma enfermeira venha administrar a vacina na empresa, durante um período de meio expediente, em horário de trabalho, na semana de 17 de maio. Este programa é grátis e disponível a todos os funcionários.

A participação é voluntária. O funcionário que se dispuser a tomar a vacina será solicitado a assinar uma declaração de consentimento indicando que não sofre de alergias e que está ciente de que poderá vir a sofrer efeitos colaterais.

A opinião médica é de que a imunização não provoca a gripe. Entretanto, pode causar alguns efeitos colaterais como fadiga, febre baixa e sensibilidade no braço.

QUEM DEVERIA SER VACINADO?

Qualquer pessoa que tenha interesse em se proteger do vírus.

Esta vacinação é especialmente recomendada a pessoas com idade acima de 65 anos. Mas, independentemente da idade, ela é indicada a QUALQUER pessoa que sofra de doença crônica debilitante, especialmente problemas cardíacos, pulmonares, dos brônquios ou diabetes.

Num ambiente de escritório, TODOS os funcionários correm o risco de pegar gripe.

QUEM NÃO DEVERIA SER VACINADO?

Pessoas muito sensíveis a ovos, as que sofram de algum distúrbio febril agudo e mulheres grávidas.

Verifique com seu médico, se você está tomando algum medicamento ou se teve alguma reação anterior a uma injeção contra gripe.



Se você deseja ser vacinado na semana de 17 de maio, por favor notifique à diretora de pessoal, Áurea Ramos, até sexta-feira, 7 de maio. A data e a hora serão determinadas de acordo com a disponibilidade da enfermeira, o número de participantes e o horário conveniente para a maioria do pessoal. Se você deseja estar vacinado neste inverno mas não pode comparecer no período estipulado, por favor informe Áurea Ramos. Uma sessão alternativa pode ser marcada se houver um número suficiente de participantes.

Para maiores informações, favor contatar Áurea Ramos no ramal 5577.

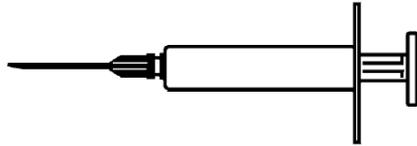
GRIPE - QUESTÃO 2

Qual dos elementos abaixo faz parte do programa de vacinação contra gripe da ACOL?

- A. Aulas diárias de exercícios serão realizadas durante o inverno.
- B. As vacinações serão realizadas durante o horário de trabalho.
- C. Os participantes receberão um pequeno abono.
- D. Um médico aplicará as vacinas.

PROGRAMA ACOL DE VACINAÇÃO VOLUNTÁRIO CONTRA A GRIPE

Como você deve sem dúvida saber, a gripe é capaz de atacar rápida e amplamente durante o inverno. Suas vítimas podem ficar doentes durante semanas. A melhor forma de lutar contra o vírus é mantendo o corpo em forma e saudável. Exercícios diários e uma dieta que inclua bastante frutas e legumes são altamente recomendáveis para ajudar o sistema imunológico a combater esse vírus invasor.



A ACOL decidiu oferecer ao seu pessoal a oportunidade de se vacinar contra a gripe como meio adicional de prevenir que esse vírus insidioso se espalhe entre nós. A ACOL fez os arranjos necessários para que uma enfermeira venha administrar a vacina na empresa, durante um período de meio expediente, em horário de trabalho, na semana de 17 de maio. Este programa é grátis e disponível a todos os funcionários.

A participação é voluntária. O funcionário que se dispuser a tomar a vacina será solicitado a assinar uma declaração de consentimento indicando que não sofre de alergias e que está ciente de que poderá vir a sofrer efeitos colaterais.

A opinião médica é de que a imunização não provoca a gripe. Entretanto, pode causar alguns efeitos colaterais como fadiga, febre baixa e sensibilidade no braço.

QUEM DEVERIA SER VACINADO?

Qualquer pessoa que tenha interesse em se proteger do vírus.

Esta vacinação é especialmente recomendada a pessoas com idade acima de 65 anos. Mas, independentemente da idade, ela é indicada a QUALQUER pessoa que sofra de doença crônica debilitante, especialmente problemas cardíacos, pulmonares, dos brônquios ou diabetes.

Num ambiente de escritório, TODOS os funcionários correm o risco de pegar gripe.

QUEM NÃO DEVERIA SER VACINADO?

Pessoas muito sensíveis a ovos, as que sofram de algum distúrbio febril agudo e mulheres grávidas.

Verifique com seu médico, se você está tomando algum medicamento ou se teve alguma reação anterior a uma injeção contra gripe.



Se você deseja ser vacinado na semana de 17 de maio, por favor notifique à diretora de pessoal, Áurea Ramos, até sexta-feira, 7 de maio. A data e a hora serão determinadas de acordo com a disponibilidade da enfermeira, o número de participantes e o horário conveniente para a maioria do pessoal. Se você deseja estar vacinado neste inverno mas não pode comparecer no período estipulado, por favor informe Áurea Ramos. Uma sessão alternativa pode ser marcada se houver um número suficiente de participantes.

Para maiores informações, favor contatar Áurea Ramos no ramal 5577.

GRIFE – QUESTÃO 3

Áurea queria que o informativo tivesse um tom amigável e incentivador. Você acha que ela foi bem sucedida? Explique sua resposta referindo-se aos detalhes do formato, dos gráficos, do layout ou do estilo de redação do informativo.

TEXTO PICHANÇA 1

As duas cartas abaixo foram extraídas da Internet. Consulte-as para responder as perguntas que se seguem.

Estou fervendo de raiva pois o muro da escola foi limpo e repintado pela quarta vez por causa de pichação. A criatividade é admirável, mas as pessoas deveriam encontrar meios de se expressar que não imponham custos suplementares à sociedade.

Porque denegrir a reputação dos jovens pichando onde é proibido? Os artistas profissionais não penduram seus quadros nas ruas, não é? Em vez disso, eles buscam financiamento e ganham fama através de exposições legais.

Na minha opinião, os prédios, as cercas e os bancos dos parques são obras de arte pôr si mesmos. É realmente lamentável estragar essa arquitetura com pichações e, ainda por cima, o método usado destrói a camada de ozônio. De fato, não consigo entender porque esses artistas criminosos dão-se ao trabalho, já que sua “obra de arte” é eliminada de nossas vistas repetidamente.

HELGA

Gosto não se discute. A sociedade está saturada de comunicação e propaganda. Logotipos de empresas, nomes de lojas. Cartazes grandes que invadem as laterais das ruas. Isso é aceitável? Sim, na maior parte. Pichação é aceitável? Algumas pessoas dizem que sim, outras dizem que não.

Quem paga o preço da pichação? Quem paga, no final das contas, o custo da propaganda? Exato. O consumidor.

As pessoas que colocaram os “outdoors” pediram sua permissão? Não. Então, os pichadores deveriam fazê-lo? Não se trata simplesmente de uma questão de comunicação – seu próprio nome, os nomes das gangues e grandes obras na rua?

Pense nas roupas listradas e axadrezadas que apareceram nas lojas há alguns anos. E nos trajes de esqui. Os padrões e cores foram roubados diretamente das paredes de concreto enfeitadas. É interessante que esses padrões e cores sejam aceitos e admirados, enquanto a pichação seja considerada como abominável.

São tempos difíceis para a arte.

Sofia

PICHANÇA – QUESTÃO 1

O objetivo de cada uma dessas cartas é o de

- A. explicar o que é pichação.
- B. apresentar uma opinião sobre pichação.
- C. demonstrar a popularidade da pichação.
- D. informar às pessoas o quanto se gasta para remover a pichação.

TEXTO PICHÇÃO 1

As duas cartas abaixo foram extraídas da Internet. Consulte-as para responder as perguntas que se seguem.

Estou fervendo de raiva pois o muro da escola foi limpo e repintado pela quarta vez por causa de pichção. A criatividade é admirável, mas as pessoas deveriam encontrar meios de se expressar que não imponham custos suplementares à sociedade.

Porque denegrir a reputação dos jovens pichando onde é proibido? Os artistas profissionais não penduram seus quadros nas ruas, não é? Em vez disso, eles buscam financiamento e ganham fama através de exposições legais.

Na minha opinião, os prédios, as cercas e os bancos dos parques são obras de arte pôr si mesmos. É realmente lamentável estragar essa arquitetura com pichções e, ainda por cima, o método usado destrói a camada de ozônio. De fato, não consigo entender porque esses artistas criminosos dão-se ao trabalho, já que sua “obra de arte” é eliminada de nossas vistas repetidamente.

HELGA

Gosto não se discute. A sociedade está saturada de comunicação e propaganda. Logotipos de empresas, nomes de lojas. Cartazes grandes que invadem as laterais das ruas. Isso é aceitável? Sim, na maior parte. Pichção é aceitável? Algumas pessoas dizem que sim, outras dizem que não.

Quem paga o preço da pichção? Quem paga, no final das contas, o custo da propaganda? Exato. O consumidor.

As pessoas que colocaram os “outdoors” pediram sua permissão? Não. Então, os pichadores deveriam fazê-lo? Não se trata simplesmente de uma questão de comunicação – seu próprio nome, os nomes das gangues e grandes obras na rua?

Pense nas roupas listradas e axadrezadas que apareceram nas lojas há alguns anos. E nos trajes de esqui. Os padrões e cores foram roubados diretamente das paredes de concreto enfeitadas. É interessante que esses padrões e cores sejam aceitos e admirados, enquanto a pichção seja considerada como abominável.

São tempos difíceis para a arte.

Sofia

PICHÇÃO – QUESTÃO 2

Um dos custos a que Helga se refere é o custo da remoção da pichção dos prédios e cercas.

Qual é outro tipo de “custo” mencionado por Helga?

TEXTO PICHÇÃO 1

As duas cartas abaixo foram extraídas da Internet. Consulte-as para responder as perguntas que se seguem.

Estou fervendo de raiva pois o muro da escola foi limpo e repintado pela quarta vez por causa de pichção. A criatividade é admirável, mas as pessoas deveriam encontrar meios de se expressar que não imponham custos suplementares à sociedade.

Porque denegrir a reputação dos jovens pichando onde é proibido? Os artistas profissionais não penduram seus quadros nas ruas, não é? Em vez disso, eles buscam financiamento e ganham fama através de exposições legais.

Na minha opinião, os prédios, as cercas e os bancos dos parques são obras de arte pôr si mesmos. É realmente lamentável estragar essa arquitetura com pichções e, ainda por cima, o método usado destrói a camada de ozônio. De fato, não consigo entender porque esses artistas criminosos dão-se ao trabalho, já que sua “obra de arte” é eliminada de nossas vistas repetidamente.

HELGA

Gosto não se discute. A sociedade está saturada de comunicação e propaganda. Logotipos de empresas, nomes de lojas. Cartazes grandes que invadem as laterais das ruas. Isso é aceitável? Sim, na maior parte. Pichção é aceitável? Algumas pessoas dizem que sim, outras dizem que não.

Quem paga o preço da pichção? Quem paga, no final das contas, o custo da propaganda? Exato. O consumidor.

As pessoas que colocaram os “outdoors” pediram sua permissão? Não. Então, os pichadores deveriam fazê-lo? Não se trata simplesmente de uma questão de comunicação – seu próprio nome, os nomes das gangues e grandes obras na rua?

Pense nas roupas listradas e axadrezadas que apareceram nas lojas há alguns anos. E nos trajes de esqui. Os padrões e cores foram roubados diretamente das paredes de concreto enfeitadas. É interessante que esses padrões e cores sejam aceitos e admirados, enquanto a pichção seja considerada como abominável.

São tempos difíceis para a arte.

Sofia

PICHAÇÃO – QUESTÃO 6A

Com qual das duas autoras das cartas você concorda? Explique sua resposta usando suas próprias palavras para referir-se ao que é dito em uma ou em ambas as cartas.

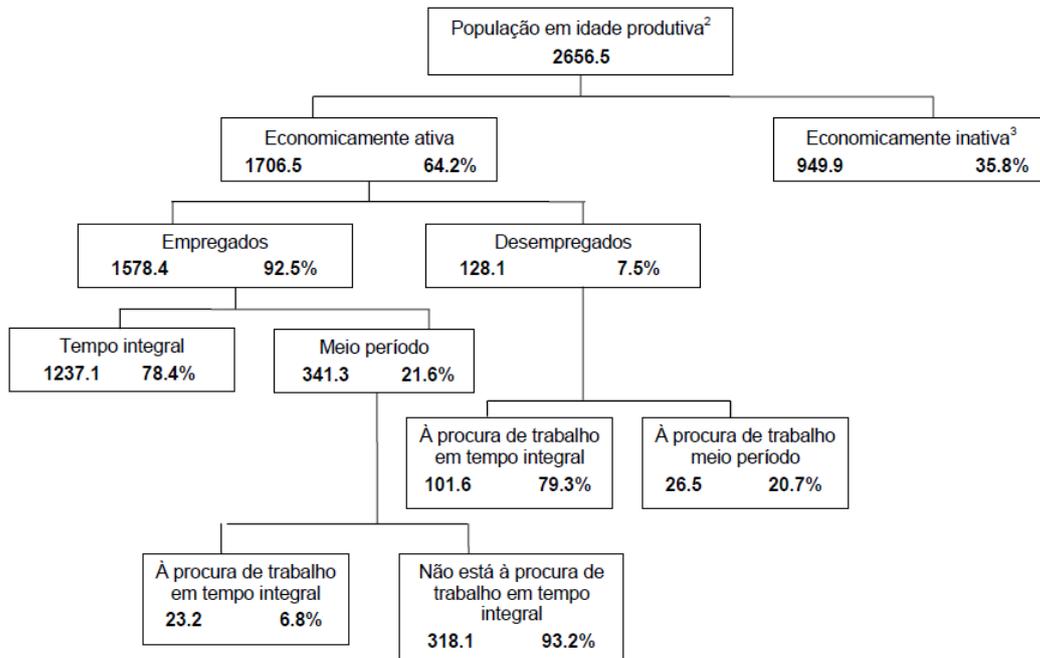
PICHAÇÃO – QUESTÃO 6B

Qualquer que seja a carta com a qual você concorda, qual das autoras escreveu a melhor carta? Explique sua resposta referindo-se à forma pela qual uma ou ambas as cartas foram escritas.

TEXTO - TRABALHO

O diagrama abaixo mostra a estrutura da população ativa, ou "população em idade produtiva". A população total do país em 1995 era de aproximadamente 3,4 milhões.

Levantamento anual da população ativa em 31 de março de 1995 (000s)¹



Notas

1. Os números de pessoas é dado em milhares (000s).
2. A população em idade produtiva é formada pelas pessoas com idade entre 15 e 65 anos.
3. As pessoas "economicamente inativas" são aquelas que não estão procurando ou não estão disponíveis para o trabalho.

Fonte: D. Miller, Form 6 Economics, ESA Publications, Box 9453, Newmarket, Auckland NZ, p.64

TRABALHO QUESTÃO 1

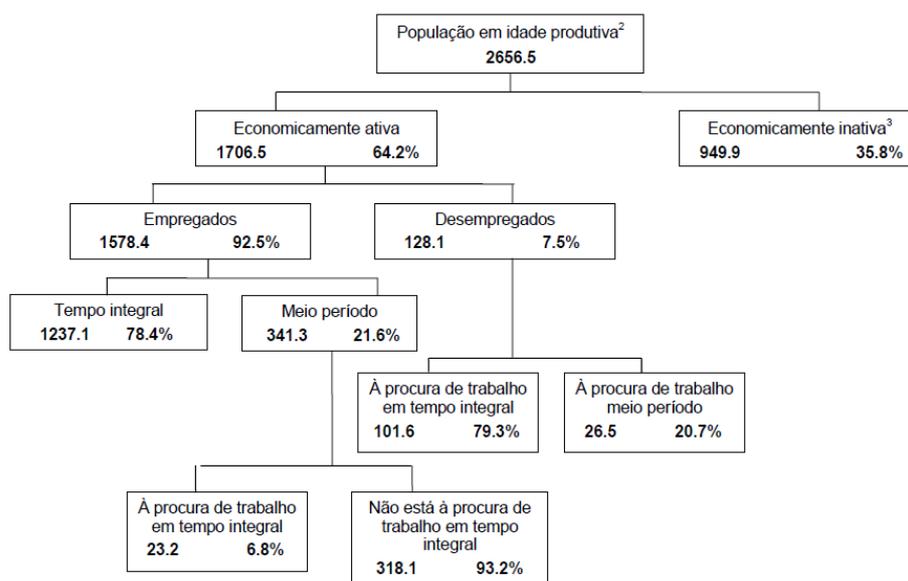
Quais são os dois principais grupos nos quais a população em idade produtiva está dividida?

- A Empregados e desempregados.
- B Pessoas em idade produtiva e fora da idade produtiva.
- C Trabalhadores de tempo integral e meio período.
- D População economicamente ativa e economicamente inativa.

TEXTO - TRABALHO

O diagrama abaixo mostra a estrutura da população ativa, ou "população em idade produtiva". A população total do país em 1995 era de aproximadamente 3,4 milhões.

Levantamento anual da população ativa em 31 de março de 1995 (000s)¹



Notas

- Os números de pessoas é dado em milhares (000s).
- A população em idade produtiva é formada pelas pessoas com idade entre 15 e 65 anos.
- As pessoas "economicamente inativas" são aquelas que não estão procurando ou não estão disponíveis para o trabalho.

Fonte: D.Miller, Form 6 Economics, ESA Publications, Box 9453, Newmarket, Auckland NZ, p.64

TRABALHO QUESTÃO 4

Em que categoria do diagrama, se houver uma categoria que convenha, parte do diagrama de árvore, se for caso, seriam incluídas cada uma das pessoas listadas na tabela abaixo?

Dê a resposta marcando um "X" no quadrado correto da tabela.

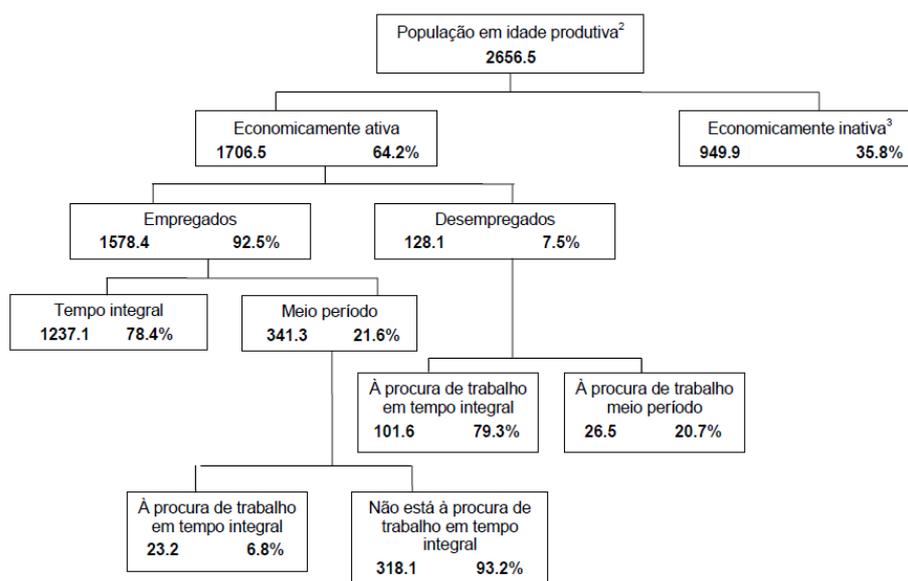
O primeiro já foi feito para você.

	'Economicamente ativo: empregado'	'Economicamente ativo: desempregado'	'Economicamente inativo'	Não está incluído em nenhuma categoria
Um garçom que trabalha meio período, 35 anos	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Uma mulher de negócios, 43 anos, que trabalha sessenta horas por semana	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Um estudante, tempo integral, 21 anos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Um ator de 25 anos, que terminou recentemente de fazer um filme e está procurando trabalho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Uma mulher de 55 anos, que nunca trabalhou ou quis trabalhar fora de casa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Uma avó de 80 anos, que ainda trabalha na barraca de feira da família algumas horas por dia.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

TEXTO - TRABALHO

O diagrama abaixo mostra a estrutura da população ativa, ou "população em idade produtiva". A população total do país em 1995 era de aproximadamente 3,4 milhões.

Levantamento anual da população ativa em 31 de março de 1995 (000s)¹



Notas

1. Os números de pessoas é dado em milhares (000s).
2. A população em idade produtiva é formada pelas pessoas com idade entre 15 e 65 anos.
3. As pessoas "economicamente inativas" são aquelas que não estão procurando ou não estão disponíveis para o trabalho.

Fonte: D.Miller, Form 6 Economics, ESA Publications, Box 9453, Newmarket, Auckland NZ, p.64

TRABALHO QUESTÃO 7

As informações sobre a estrutura da força de trabalho são apresentadas na forma de um diagrama em árvore, mas poderiam ter sido apresentadas de várias outras formas, tais como uma descrição escrita, um diagrama de pizza, um gráfico ou uma tabela.

O diagrama em árvore foi escolhido provavelmente porque é especialmente útil para mostrar

- A a evolução ao longo do tempo.
- B o tamanho da população total do país.
- C as categorias pertencentes a cada grupo.
- D o tamanho de cada grupo.

Armas Científicas da Polícia

5	Um assassinato foi cometido, mas o suspeito nega tudo. Ele afirma que não conhece a vítima. Diz que nunca a viu, nunca se aproximou dela, nunca a tocou... A polícia e o juiz estão convencidos de que ele não está dizendo a verdade. Mas como provar isso?	50	cabelo, bem como as do dedão do pé. As do fígado com as do estômago ou sangue. Mas a ordem das pérolas varia de pessoa para pessoa. Devido ao número de pérolas	100	Somos feitos de milhões de células
10	No local do crime, os detetives juntaram todos os indícios possíveis e imagináveis: fibras de tecidos, fios de cabelo, impressões digitais, pontas de cigarro... Os poucos fios de cabelo encontrados na jaqueta da vítima são ruivos. E, estranhamente, parecem-se com o do suspeito. Se pudesse ser provado que esses fios de cabelo são de fato dele, poderia ser uma evidência que ele de fato esteve com a vítima.	55	dispostas dessa forma, há pouquíssima chance que duas pessoas tenham o mesmo DNA, com a exceção de gêmeos idênticos. Exclusivo em cada pessoa, o DNA é portanto uma espécie de carteira de identidade genética. Os geneticistas vão então comparar a identidade genética do suspeito (descoberta a partir de seu sangue) com a da pessoa de cabelo ruivo. Se a identidade genética for a mesma, então ficará provado que o suspeito na verdade se aproximou da vítima, com a qual disse nunca ter se encontrado.	105	Todos os seres vivos são compostos de muitas células. Uma célula é infinitamente pequena. Dizemos que é microscópica porque só é vista com o auxílio de um microscópio, que a aumenta milhões de vezes. Cada célula possui uma membrana externa e um núcleo. O DNA é feito de vários genes. Juntos esses genes formam a carteira de identidade genética de uma pessoa.
15	Cada indivíduo é único Os especialistas começam a trabalhar. Eles examinam algumas células da raiz destes cabelos e algumas células sangüíneas do suspeito. No núcleo de cada célula do nosso organismo há o DNA. O que é isso? O DNA (completamente invisível sem um microscópio!) parece-se com um colar feito de dois cordões de pérolas. Essas pérolas são de quatro cores diferentes e são dispostas em uma ordem muito específica. E essa ordem é exatamente a mesma em todas as células do nosso organismo: as da raiz do	60	Apenas uma prova Cada vez mais em casos de agressão, assassinato, roubo ou outros crimes, a polícia solicita análises genéticas. Por que? Para tentar achar as provas de contato entre duas pessoas, dois objetos, ou uma pessoa e um objeto. Provar tal contato é frequentemente muito útil nas investigações. Mas não fornece necessariamente a prova do crime. É apenas mais uma prova entre tantas outras.	110	Como se descobre a identidade genética ? O geneticista retira algumas células da raiz dos fios de cabelo achados na vítima, ou da saliva encontrada em pontas de cigarro. Essas células são colocadas em um produto que destrói tudo o que estiver em volta do DNA. A seguir, faz a mesma coisa com algumas células do sangue do suspeito. O DNA é então colocado em um produto especial, e depois em um gel, também especial. Passa-se então uma corrente elétrica pelo gel. Após algumas horas, aparecem umas faixas, como se fosse um código de barras (como os que se vê nos rótulos dos produtos de supermercado), visíveis sob uma lâmpada especial. O código de barras do DNA do suspeito é então comparado ao dos fios de cabelo encontrados na vítima.
20		65		115	
25		70		120	
30		75		125	
35		80		130	
40		85		135	
45		90		140	
		95		145	
			<i>Anne Versaille</i>		Fonte: <i>Le Liqueur</i> , 27 de maio de 1998

QUESTÃO 1 - POLÍCIA

Qual é a função do primeiro parágrafo do texto (linhas 1-10)?

Atrair a atenção do leitor

- A dando um resumo do texto.
- B dando um exemplo concreto.
- C explicando o título do texto.
- D sugerindo a conclusão do texto.

Armas Científicas da Polícia

5	Um assassinato foi cometido, mas o suspeito nega tudo. Ele afirma que não conhece a vítima. Diz que nunca a viu, nunca se aproximou dela, nunca a tocou... A polícia e o juiz estão convencidos de que ele não está dizendo a verdade. Mas como provar isso?	50	cabelo, bem como as do dedão do pé. As do fígado com as do estômago ou sangue. Mas a ordem das pérolas varia de pessoa para pessoa. Devido ao número de pérolas	100	Somos feitos de milhões de células
10	No local do crime, os detetives juntaram todos os indícios possíveis e imagináveis: fibras de tecidos, fios de cabelo, impressões digitais, pontas de cigarro... Os poucos fios de cabelo encontrados na jaqueta da vítima são ruivos. E, estranhamente, parecem-se com o do suspeito. Se pudesse ser provado que esses fios de cabelo são de fato dele, poderia ser uma evidência que ele de fato esteve com a vítima.	55	dispostas dessa forma, há pouquíssima chance que duas pessoas tenham o mesmo DNA, com a exceção de gêmeos idênticos. Exclusivo em cada pessoa, o DNA é portanto uma espécie de carteira de identidade genética. Os geneticistas vão então comparar a identidade genética do suspeito (descoberta a partir de seu sangue) com a da pessoa de cabelo ruivo. Se a identidade genética for a mesma, então ficará provado que o suspeito na verdade se aproximou da vítima, com a qual disse nunca ter se encontrado.	105	Todos os seres vivos são compostos de muitas células. Uma célula é infinitamente pequena. Dizemos que é microscópica porque só é vista com o auxílio de um microscópio, que a aumenta milhões de vezes. Cada célula possui uma membrana externa e um núcleo. O DNA é feito de vários genes. Juntos esses genes formam a carteira de identidade genética de uma pessoa.
15	Cada indivíduo é único Os especialistas começam a trabalhar. Eles examinam algumas células da raiz destes cabelos e algumas células sangüíneas do suspeito. No núcleo de cada célula do nosso organismo há o DNA. O que é isso? O DNA (completamente invisível sem um microscópio!) parece-se com um colar feito de dois cordões de pérolas. Essas pérolas são de quatro cores diferentes e são dispostas em uma ordem muito específica. E essa ordem é exatamente a mesma em todas as células do nosso organismo: as da raiz do	60	Apenas uma prova Cada vez mais em casos de agressão, assassinato, roubo ou outros crimes, a polícia solicita análises genéticas. Por que? Para tentar achar as provas de contato entre duas pessoas, dois objetos, ou uma pessoa e um objeto. Provar tal contato é frequentemente muito útil nas investigações. Mas não fornece necessariamente a prova do crime. É apenas mais uma prova entre tantas outras.	110	Como se descobre a identidade genética ? O geneticista retira algumas células da raiz dos fios de cabelo achados na vítima, ou da saliva encontrada em pontas de cigarro. Essas células são colocadas em um produto que destrói tudo o que estiver em volta do DNA. A seguir, faz a mesma coisa com algumas células do sangue do suspeito. O DNA é então colocado em um produto especial, e depois em um gel, também especial. Passa-se então uma corrente elétrica pelo gel. Após algumas horas, aparecem umas faixas, como se fosse um código de barras (como os que se vê nos rótulos dos produtos de supermercado), visíveis sob uma lâmpada especial. O código de barras do DNA do suspeito é então comparado ao dos fios de cabelo encontrados na vítima.
20		65		115	
25		70		120	
30		75		125	
35		80		130	
40		85		135	
45		90		140	
		95		145	
			<i>Anne Versaille</i>		Fonte: <i>Le Ligueur</i> , 27 de maio de 1998

QUESTÃO 3 - POLÍCIA

Por que o DNA é chamado de “cartão de identidade” (linhas 116-117)?

Armas Científicas da Polícia

5	Um assassinato foi cometido, mas o suspeito nega tudo. Ele afirma que não conhece a vítima. Diz que nunca a viu, nunca se aproximou dela, nunca a tocou... A polícia e o juiz estão convencidos de que ele não está dizendo a verdade. Mas como provar isso?	50	cabelo, bem como as do dedão do pé. As do fígado com as do estômago ou sangue. Mas a ordem das pérolas varia de pessoa para pessoa. Devido ao número de pérolas	100	Somos feitos de milhões de células
10	No local do crime, os detetives juntaram todos os indícios possíveis e imagináveis: fibras de tecidos, fios de cabelo, impressões digitais, pontas de cigarro... Os poucos fios de cabelo encontrados na jaqueta da vítima são ruivos. E, estranhamente, parecem-se com o do suspeito. Se pudesse ser provado que esses fios de cabelo são de fato dele, poderia ser uma evidência que ele de fato esteve com a vítima.	55	dispostas dessa forma, há pouquíssima chance que duas pessoas tenham o mesmo DNA, com a exceção de gêmeos idênticos. Exclusivo em cada pessoa, o DNA é portanto uma espécie de carteira de identidade genética. Os geneticistas vão então comparar a identidade genética do suspeito (descoberta a partir de seu sangue) com a da pessoa de cabelo ruivo. Se a identidade genética for a mesma, então ficará provado que o suspeito na verdade se aproximou da vítima, com a qual disse nunca ter se encontrado.	105	Todos os seres vivos são compostos de muitas células. Uma célula é infinitamente pequena. Dizemos que é microscópica porque só é vista com o auxílio de um microscópio, que a aumenta milhões de vezes. Cada célula possui uma membrana externa e um núcleo. O DNA é feito de vários genes. Juntos esses genes formam a carteira de identidade genética de uma pessoa.
15	Cada indivíduo é único Os especialistas começam a trabalhar. Eles examinam algumas células da raiz destes cabelos e algumas células sangüíneas do suspeito. No núcleo de cada célula do nosso organismo há o DNA. O que é isso? O DNA (completamente invisível sem um microscópio!) parece-se com um colar feito de dois cordões de pérolas. Essas pérolas são de quatro cores diferentes e são dispostas em uma ordem muito específica. E essa ordem é exatamente a mesma em todas as células do nosso organismo: as da raiz do	60	Apenas uma prova Cada vez mais em casos de agressão, assassinato, roubo ou outros crimes, a polícia solicita análises genéticas. Por que? Para tentar achar as provas de contato entre duas pessoas, dois objetos, ou uma pessoa e um objeto. Provar tal contato é freqüentemente muito útil nas investigações. Mas não fornece necessariamente a prova do crime. É apenas mais uma prova entre tantas outras.	110	Como se descobre a identidade genética ? O geneticista retira algumas células da raiz dos fios de cabelo achados na vítima, ou da saliva encontrada em pontas de cigarro. Essas células são colocadas em um produto que destrói tudo o que estiver em volta do DNA. A seguir, faz a mesma coisa com algumas células do sangue do suspeito. O DNA é então colocado em um produto especial, e depois em um gel, também especial. Passa-se então uma corrente elétrica pelo gel. Após algumas horas, aparecem umas faixas, como se fosse um código de barras (como os que se vê nos rótulos dos produtos de supermercado), visíveis sob uma lâmpada especial. O código de barras do DNA do suspeito é então comparado ao dos fios de cabelo encontrados na vítima.
20		65		115	
25		70		120	
30		75		125	
35		80		130	
40		85		135	
45		90		140	
		95		145	
			<i>Anne Versaille</i>		Fonte: <i>Le Liqueur</i> , 27 de maio de 1998

QUESTÃO 6 - POLÍCIA

Qual é o objetivo principal do autor?

- A Alertar
- B Divertir
- C Informar
- D Convencer

Camera Shots
Som e Vídeo

TEXTO 1 - GARANTIA
R. STA. EFIGÊNIA 157, SÃO PAULO - SP
FONE: (011) 334-1255 FAX: (011) 334-8878
http://www.camerashots.com.br

CLIENTE
ANA MARIA FONTES
R. ZACARIAS DE GÓES, 821

PRODUTO		NO. SÉRIE	LISTA	QTD	UNID.	TOTAL	EX.
150214	ROLLY FOTONEX 250 ZOOM	30910963		1	298,80	298,80	X
33844	TRIPÊ			1	6,88	6,88	X
Transação				Quantia	Troco	Sub-Total	305,68
Visa/Cartão de crédito				€305,68		Total	305,68

Agradecemos a Preferência

A página anterior contém a nota fiscal que Ana Maria recebeu ao comprar sua câmara fotográfica. Abaixo está o cartão de garantia da câmara fotográfica. Use as informações da nota fiscal para responder às questões que se seguem.

TEXTO 2 - GARANTIA

GARANTIA de UM ANO (Uso Pessoal)
VÁLIDO SOMENTE NO BRASIL
 SOM. VÍDEO & COMPANHIA, LTDA – CGC 008.458.884/0001-30
 ('SOM & VÍDEO') dá garantia ao primeiro proprietário desta câmara que este item não contém qualquer defeito material ou de fabricação. Esta garantia é intransferível.
 A Som & Vídeo prestará serviço gratuitamente, reparando ou substituindo, a seu critério, qualquer parte que apresentar defeito material ou de fabricação, após inspeção pela Som & Vídeo durante o(s) período(s) de garantia .

FAVOR PREENCHER COM LETRA DE FORMA
 N. M 409668

Câmara - Modelo

Número de série

Nome do Proprietário ANA MARIA FONTES
 Endereço R ZACARIAS DE GÓES 821
 S. PAULO - SP

Data de compra

Preço

Carimbo da loja

ATENÇÃO:
Envie imediatamente – É necessário selar
 Esta garantia deverá ser preenchida e enviada à Som & Vídeo no prazo de dez dias a partir da data de compra
Solicite seu Cartão de Garantia Internacional se necessário.

QUESTÃO 1 - GARANTIA

Consulte os detalhes da nota fiscal para preencher o cartão de garantia.

O nome e o endereço do proprietário já foram preenchidos.

Camera Shots
Som e Vídeo

TEXTO 1 - GARANTIA
R. STA. EFIGÊNIA 157, SÃO PAULO - SP
FONE: (011) 334-1255 FAX: (011) 334-8878
http://www.camerashots.com.br

CLIENTE
ANA MARIA FONTES
R. ZACARIAS DE GÓES, 821

PRODUTO		NO. SÉRIE	LISTA	QTD	UNID.	TOTAL	EX.
150214	ROLLY FOTONEX 250 ZOOM	30910963		1		298,80	X
33844	TRIPÊ			1		6,88	X
Transação				Quantia	Troco	Sub-Total	305,68
Visa/Cartão de crédito				305,68		Total	305,68

Agradecemos a Preferência

A página anterior contém a nota fiscal que Ana Maria recebeu ao comprar sua câmara fotográfica. Abaixo está o cartão de garantia da câmara fotográfica. Use as informações da nota fiscal para responder às questões que se seguem.

TEXTO 2 - GARANTIA

GARANTIA de UM ANO (Uso Pessoal)
VÁLIDO SOMENTE NO BRASIL
SOM, VIDEO & COMPANHIA, LTDA – CGC 008.458.884/0001-30
('SOM & VIDEO') dá garantia ao primeiro proprietário desta câmara que este item não contém qualquer defeito material ou de fabricação. Esta garantia é intransferível.
A Som & Video prestará serviço gratuitamente, reparando ou substituindo, a seu critério, qualquer parte que apresentar defeito material ou de fabricação, após inspeção pela Som & Video durante o(s) período(s) de garantia.

FAVOR PREENCHER COM LETRA DE FORMA

N. M 409668

Câmara - Modelo

Número de série

Nome do Proprietário ANA MARIA FONTES

Endereço R ZACARIAS DE GÓES 821
S. PAULO - SP

Data de compra

Preço

Carimbo da loja

ATENÇÃO:
Envie imediatamente – É necessário selar
Esta garantia deverá ser preenchida e enviada à Som & Video no prazo de dez dias a partir da data de compra
Solicite seu Cartão de Garantia Internacional se necessário.

QUESTÃO 4 - GARANTIA

A frase “Solicite seu Cartão de Garantia Internacional, se necessário” vem impressa no final do nota fiscal.

Em que caso Ana Maria solicitaria um Cartão de Garantia Internacional?

- A Se ela tivesse acabado de voltar do exterior.
- B Se ela estivesse planejando uma viagem ao exterior.
- C Se um amigo de outro país estivesse para visitá-la.
- D Se a câmara tivesse sido feita em um país onde ela não mora.

Camera Shots
Som e Vídeo

TEXTO 1 - GARANTIA
R. STA. EFIGÊNIA 157, SÃO PAULO - SP
FONE: (011) 334-1255 FAX: (011) 334-8878
http://www.camerashots.com.br

CLIENTE
ANA MARIA FONTES
R. ZACARIAS DE GÓES, 821

PRODUTO		NO. SÉRIE	LISTA	QTD	UNID.	TOTAL	EX.
150214	ROLLY FOTONEX 250 ZOOM	30910963		1	298,80	298,80	X
33844	TRIPÊ			1	6,88	6,88	X
Transação				Quantia . . .	Troco	Sub-Total	305,68
Visa/Cartão de crédito				305,68		Total	305,68

Agradecemos a Preferência

A página anterior contém a nota fiscal que Ana Maria recebeu ao comprar sua câmara fotográfica. Abaixo está o cartão de garantia da câmara fotográfica. Use as informações da nota fiscal para responder às questões que se seguem.

TEXTO 2 - GARANTIA

GARANTIA de UM ANO (Uso Pessoal)
VÁLIDO SOMENTE NO BRASIL
SOM, VIDEO & COMPANHIA, LTDA - CGC 008.458.884/0001-30
('SOM & VIDEO') dá garantia ao primeiro proprietário desta câmara que este item não contém qualquer defeito material ou de fabricação. Esta garantia é intransferível.
A Som & Video prestará serviço gratuitamente, reparando ou substituindo, a seu critério, qualquer parte que apresentar defeito material ou de fabricação, após inspeção pela Som & Video durante o(s) período(s) de garantia.

FAVOR PREENCHER COM LETRA DE FORMA
N. M 409668

Câmara - Modelo

Número de série

Nome do Proprietário ANA MARIA FONTES
Endereço R ZACARIAS DE GÓES 821
S. PAULO - SP

Data de compra

Preço

Carimbo da loja

ATENÇÃO:
Envie imediatamente - É necessário selar
Esta garantia deverá ser preenchida e enviada à Som & Video no prazo de dez dias a partir da data de compra
Solicite seu Cartão de Garantia Internacional se necessário.

QUESTÃO 5- GARANTIA

A frase: "Obrigado pela preferência" vem impressa no final do nota fiscal. Isso pode ser simplesmente uma questão de boa educação. Qual seria outra razão?



CHOCOLATE - TEXTO 1

DE MAL GOSTO

De Arnold Jago

Você sabia que em 1996 os Australianos gastaram com chocolate quase a mesma quantia que o Governo Australiano gastou em ajuda internacional aos países pobres? Será que há algo errado com o estabelecimento de nossas prioridades? O que você vai fazer a este respeito? Sim, você.

**Arnold Jago,
Mildura**

Fonte: *The Age*, Terça-feira, 1º de Abril de
1997

CHOCOLATE – QUESTÃO 1

A intenção de Arnold Jago na carta é provocar

- A Culpa.
- B diversão.
- C Medo.
- D satisfação.

CHOCOLATE - TEXTO 1

DE MAL GOSTO

De Arnold Jago

Você sabia que em 1996 os Australianos gastaram com chocolate quase a mesma quantia que o Governo Australiano gastou em ajuda internacional aos países pobres? Será que há algo errado com o estabelecimento de nossas prioridades? O que você vai fazer a este respeito? Sim, você.

**Arnold Jago,
Mildura**

Fonte: *The Age*, Terça-feira, 1º de Abril de
1997

CHOCOLATE - QUESTÃO 3

Que tipo de resposta ou ação você acha que Arnold Jago gostaria que sua carta provocasse?

O PRESENTE - TEXTO

Utilize a história das próximas três páginas para responder às questões a seguir.

O PRESENTE

Quantos dias, se perguntava ela, tinha ficado assim sentada, olhando a água barrenta e fria subindo lentamente, desmanchando a margem. Ela apenas se lembrava vagamente do começo das chuvas inundando o pântano a partir do sul e batendo contra a parede externa da casa. Em seguida, o rio começou a subir, primeiro devagar até que, por fim, parou de subir e recuou. De hora em hora, o rio se introduzia pelos córregos e pelas os valas, alagando os lugares mais baixos. Durante a noite, enquanto ela dormia, o rio tomou posse da estrada deixando-a cercada. Então, ela se viu sozinha, seu barco desaparecera, e a casa parecia um pedaço de madeira encalhado na margem. Agora, a água tinha atingido até as tábuas de sustentação da casa. E continuava subindo.

Até onde ela podia ver – os topos das árvores na margem oposta – o pântano era como um mar vazio, lavado por camadas de chuva, e o rio estava perdido em algum lugar na sua imensidão. Sua casa, cuja base tinha a forma do fundo de um barco, tinha sido construída para enfrentar uma enchente como essa, caso algum dia isso ocorresse, mas agora estava velha. Talvez as tábuas de baixo estivessem parcialmente podres. Talvez o cabo que prendia a casa ao grande carvalho tivesse se soltado e deixado que ela fosse levada rio abaixo, como o barco.

Ninguém viria agora. Ela poderia gritar mas não adiantaria nada, ninguém ouviria. Em toda a extensão do pântano outros lutavam para salvar o pouco que pudessem, talvez até suas próprias vidas. Ela tinha visto uma casa passar flutuando tão silenciosamente que se imaginou assistindo a um funeral. Quando viu a casa, pensou que soubesse de quem era. Tinha sido muito penoso ver a casa flutuando, mas os donos deviam ter escapado para um lugar mais alto. Mais tarde, quando a chuva e a escuridão se fizeram cada vez mais intensas, ela ouviu o rugido de uma pantera vindo do lado de cima do rio.

Agora a casa parecia tremer em volta dela como se fosse algo vivo. Ela se esticou para pegar uma lâmpada que estava caindo da mesa ao lado da cama e colocou-a entre seus pés para mantê-la firme. Então, a casa, rangendo e estalando, lutava com esforço para manter-se em pé, flutuava livremente como uma rolha e foi virando devagar com o movimento do rio. Ela se agarrou na beira da cama. Balançando de um lado para o outro, a casa movimentou-se ao longo da sua extensão. Houve um solavanco brusco e ouviu-se um ranger de madeiras velhas, e então uma pausa. Lentamente a corrente soltou a casa raspando a base. Ela prendeu a respiração e sentou-se por um longo tempo, sentindo os movimentos oscilantes e vagarosos. A escuridão se espalhou pela chuva incessante e, com a cabeça apoiada no braço, ela dormiu agarrada à cama.

No meio da noite, o grito despertou-a, um som tão angustiante que a fez pular da cama antes de acordar. No escuro, tropeçou na cama. O grito vinha lá de fora, da direção do rio. Ela podia ouvir algo se mexendo, algo grande que fez um barulho estrondoso. Talvez fosse uma outra casa. Depois algo bateu, não de frente, mas saiu raspando pela lateral da casa. Era uma árvore. Ela escutou quando os galhos e as folhas se soltaram e foram rio abaixo, deixando só a chuva e os rumores da enchente, tão constantes agora que até pareciam uma parte do silêncio. Encolhida na cama, ela já estava quase dormindo de novo quando ouviu outro grito, desta vez tão próximo que poderia ter sido no quarto. Tentando ver no escuro, moveu-se para trás até que sua mão sentiu a forma fria da espingarda. Então se agachou sobre o travesseiro, apertando a arma nos joelhos. “Quem está aí?”, perguntou.

A resposta foi outro grito, menos estridente, como que cansado. Depois um profundo silêncio. Ela se recostou na cama. O que quer que estivesse ali, ela podia escutá-lo se mexer perto da varanda. As tábuas rangiam e ela podia distinguir o som de objetos sendo derrubados. Houve um barulho de unhas arranhando a parede como se a estivessem abrindo. Subiu então o que era: um grande gato, deixado

pela árvore arrancada que tinha passado por ela. Ele veio com a enchente. Um presente.

Inconscientemente, apertou a mão contra o rosto e a garganta contraída. A espingarda balançava nos seus joelhos. Ela nunca tinha visto uma pantera na sua vida. Tinha ouvido histórias sobre elas contadas por outras pessoas e tinha ouvido seus rugidos, como lamentos, à distância. O gato estava arranhando a parede novamente e batendo na janela perto da porta. Enquanto estivesse na janela e mantivesse o felino preso pela parede e pela água, ela estaria a salvo. Lá fora, o animal parou para raspar suas unhas na tela enferrujada. De vez em quando, ele gemia e rugia.

Quando, finalmente, a luz se infiltrou através da chuva, parecendo um outro tipo de escuridão, ela ainda estava sentada na cama, rígida e fria. Seus braços, acostumados a remar no rio, doíam de tanto segurar a espingarda. Ela quase não tinha se mexido de medo de fazer qualquer barulho que pudesse provocar o felino. Rígida, ela balançava junto com a casa. A chuva continuava a cair como se nunca fosse parar. Através da luz cinzenta, finalmente ela podia ver a enchente provocada pelas chuvas e lá longe a forma indefinida dos topos das árvores submersas. Neste momento o felino não se mexia. Talvez ele tivesse ido embora. Deixando a arma de lado, ela saiu da cama devagarinho e foi até a janela sem fazer barulho. Ele ainda estava deitado na beira da varanda olhando fixamente para o carvalho, como se estivesse calculando suas chances de pular para um galho pendurado. Não parecia tão assustador, agora que ela podia vê-lo com seu pelo áspero emaranhado de ramos, com as costelas aparecendo. Seria fácil atirar nele lá onde ele estava com seu longo rabo balançando para trás e para frente. Ela se voltava para pegar a arma quando ele virou para trás. Sem avisar, sem se curvar ou tensionar os músculos, ele pulou em direção à janela, quebrando a vidraça. Ela caiu para trás, contendo um grito e, pegando a espingarda, atirou pela janela. Ela não podia ver a pantera agora, mas não a tinha acertado. A pantera começou a andar de novo. Ela podia perceber sua cabeça e o arco de suas costas, quando o animal passava pela janela.

Tremendo, ela voltou rápido para cama e se deitou. O som constante, acalentador, do rio e da chuva, e o frio penetrante, afastaram-na do seu propósito. Ela olhou a janela e manteve a arma preparada. Depois de esperar um longo tempo, foi olhar de novo. A pantera tinha adormecido, a cabeça sobre as patas, como um gato doméstico. Pela primeira vez desde que as chuvas começaram ela sentiu vontade de chorar por si mesma, pelas pessoas, por tudo que foi atingido pela enchente. Escorregando na cama, pôs a coberta em volta dos ombros. Ela devia ter saído enquanto podia, enquanto as estradas ainda estavam desimpedidas e antes que seu barco tivesse sido levado. Enquanto balançava para frente e para trás com o movimento da casa, uma dor profunda no estômago lembrou-a de que não tinha comido. Ela não podia se lembrar por quanto tempo. Como o felino, ela estava morrendo de fome. Indo tranquilamente para a cozinha, ela fez fogo com os poucos pedaços de madeira que restavam. Se a enchente durasse, ela teria de queimar a cadeira, e talvez até a mesa. Pegando os restos de um presunto defumado que estava pendurado no teto, ela cortou grossas fatias da carne vermelho escura e colocou-as numa frigideira. O cheiro da carne frita deixou-a tonta. Havia biscoitos velhos, da última vez que ela tinha cozinhado, e ela podia fazer um pouco de café. O que não faltava era água.

Enquanto preparava a comida, quase se esqueceu do felino até que ele gemeu. Ele também estava com fome. "Me deixe comer", disse, "depois cuidarei de você". E riu consigo mesma. Enquanto pendurava o resto do presunto no gancho, o felino soltou um rugido profundo e gutural, prolongado, que fez sua mão tremer.

Depois de comer, voltou para a cama e pegou a espingarda. A casa tinha subido tão alto agora que não esbarrava mais na margem quando o rio a empurrava para lá. A comida a tinha aquecido. Ela podia se livrar do felino enquanto a luz ainda estava passando através da chuva. Aproximou-se da janela devagarinho. O felino

estava parado lá, gemendo, começando a se mexer perto da varanda. Olhou-o longamente, sem medo. Então, sem pensar no que estava fazendo, colocou a arma de lado e contornou a cama, indo para a cozinha. Atrás dela, o felino se mexia e choramingava. Ela pegou o que tinha sobrado do presunto e, caminhando até a janela pelo chão que balançava, jogou-o pela vidraça quebrada. Do outro lado, um rosnado faminto e um sobressalto. Espantada com o que tinha feito, voltou para a cama. Ela podia ouvir o barulho da pantera devorando a carne. A casa balançava em volta dela.

Quando tornou a acordar, sentiu imediatamente que tudo havia mudado. A chuva tinha parado. Ela tentou sentir o movimento da casa, mas ela não se balançava mais. Abrindo a porta, viu um mundo diferente através da tela rasgada. A casa repousava na margem onde sempre esteve. A alguns metros abaixo, o rio ainda corria numa torrente, porém não cobria mais os poucos metros entre a casa e o carvalho. A pantera tinha ido embora. No caminho entre a varanda e o carvalho e, sem dúvida, em direção ao pântano, havia pegadas indefinidas que já estavam desaparecendo na lama mole. E lá na varanda, roído até o osso, estava o resto do presunto.

Fonte: "The Gift", de Louis Dollarhide, in *Mississippi Writers: Reflections of Childhood and Youth*, Volume I, editado por Dorothy Abbott, University Press of Mississippi, 1985

O PRESENTE - QUESTÃO 1

Em que situação se encontra a mulher no começo da história?

- A Ela está muito fraca para deixar a casa após dias sem comer.
- B Ela está se defendendo de um animal selvagem.
- C A casa dela foi cercada pelas águas da enchente.
- D Um rio que transbordou arrastou a sua casa.

O PRESENTE - TEXTO

Utilize a história das próximas três páginas para responder às questões a seguir.

O PRESENTE

Quantos dias, se perguntava ela, tinha ficado assim sentada, olhando a água barrenta e fria subindo lentamente, desmanchando a margem. Ela apenas se lembrava vagamente do começo das chuvas inundando o pântano a partir do sul e batendo contra a parede externa da casa. Em seguida, o rio começou a subir, primeiro devagar até que, por fim, parou de subir e recuou. De hora em hora, o rio se introduzia pelos córregos e pelas os valas, alagando os lugares mais baixos. Durante a noite, enquanto ela dormia, o rio tomou posse da estrada deixando-a cercada. Então, ela se viu sozinha, seu barco desaparecera, e a casa parecia um pedaço de madeira encalhado na margem. Agora, a água tinha atingido até as tábuas de sustentação da casa. E continuava subindo.

Até onde ela podia ver – os topos das árvores na margem oposta – o pântano era como um mar vazio, lavado por camadas de chuva, e o rio estava perdido em algum lugar na sua imensidão. Sua casa, cuja base tinha a forma do fundo de um barco, tinha sido construída para enfrentar uma enchente como essa, caso algum dia isso ocorresse, mas agora estava velha. Talvez as tábuas de baixo estivessem parcialmente podres. Talvez o cabo que prendia a casa ao grande carvalho tivesse se soltado e deixado que ela fosse levada rio abaixo, como o barco.

Ninguém viria agora. Ela poderia gritar mas não adiantaria nada, ninguém ouviria. Em toda a extensão do pântano outros lutavam para salvar o pouco que pudessem, talvez até suas próprias vidas. Ela tinha visto uma casa passar flutuando tão silenciosamente que se imaginou assistindo a um funeral. Quando viu a casa, pensou que soubesse de quem era. Tinha sido muito penoso ver a casa flutuando, mas os donos deviam ter escapado para um lugar mais alto. Mais tarde, quando a chuva e a escuridão se fizeram cada vez mais intensas, ela ouviu o rugido de uma pantera vindo do lado de cima do rio.

Agora a casa parecia tremer em volta dela como se fosse algo vivo. Ela se esticou para pegar uma lâmpada que estava caindo da mesa ao lado da cama e colocou-a entre seus pés para mantê-la firme. Então, a casa, rangendo e estalando, lutava com esforço para manter-se em pé, flutuava livremente como uma rolha e foi virando devagar com o movimento do rio. Ela se agarrou na beira da cama. Balançando de um lado para o outro, a casa movimentou-se ao longo da sua extensão. Houve um solavanco brusco e ouviu-se um ranger de madeiras velhas, e então uma pausa. Lentamente a corrente soltou a casa raspando a base. Ela prendeu a respiração e sentou-se por um longo tempo, sentindo os movimentos oscilantes e vagarosos. A escuridão se espalhou pela chuva incessante e, com a cabeça apoiada no braço, ela dormiu agarrada à cama.

No meio da noite, o grito despertou-a, um som tão angustiante que a fez pular da cama antes de acordar. No escuro, tropeçou na cama. O grito vinha lá de fora, da direção do rio. Ela podia ouvir algo se mexendo, algo grande que fez um barulho estrondoso. Talvez fosse uma outra casa. Depois algo bateu, não de frente, mas saiu raspando pela lateral da casa. Era uma árvore. Ela escutou quando os galhos e as folhas se soltaram e foram rio abaixo, deixando só a chuva e os rumores da enchente, tão constantes agora que até pareciam uma parte do silêncio. Encolhida na cama, ela já estava quase dormindo de novo quando ouviu outro grito, desta vez tão próximo que poderia ter sido no quarto. Tentando ver no escuro, moveu-se para trás até que sua mão sentiu a forma fria da espingarda. Então se agachou sobre o travesseiro, apertando a arma nos joelhos. “Quem está aí?”, perguntou.

A resposta foi outro grito, menos estridente, como que cansado. Depois um profundo silêncio. Ela se recostou na cama. O que quer que estivesse ali, ela podia escutá-lo se mexer perto da varanda. As tábuas rangiam e ela podia distinguir o som de objetos sendo derrubados. Houve um barulho de unhas arranhando a parede como se a estivessem abrindo. Subiu então o que era: um grande gato, deixado

pela árvore arrancada que tinha passado por ela. Ele veio com a enchente. Um presente.

Inconscientemente, apertou a mão contra o rosto e a garganta contraída. A espingarda balançava nos seus joelhos. Ela nunca tinha visto uma pantera na sua vida. Tinha ouvido histórias sobre elas contadas por outras pessoas e tinha ouvido seus rugidos, como lamentos, à distância. O gato estava arranhando a parede novamente e batendo na janela perto da porta. Enquanto estivesse na janela e mantivesse o felino preso pela parede e pela água, ela estaria a salvo. Lá fora, o animal parou para raspar suas unhas na tela enferrujada. De vez em quando, ele gemia e rugia.

Quando, finalmente, a luz se infiltrou através da chuva, parecendo um outro tipo de escuridão, ela ainda estava sentada na cama, rígida e fria. Seus braços, acostumados a remar no rio, doíam de tanto segurar a espingarda. Ela quase não tinha se mexido de medo de fazer qualquer barulho que pudesse provocar o felino. Rígida, ela balançava junto com a casa. A chuva continuava a cair como se nunca fosse parar. Através da luz cinzenta, finalmente ela podia ver a enchente provocada pelas chuvas e lá longe a forma indefinida dos topos das árvores submersas. Neste momento o felino não se mexia. Talvez ele tivesse ido embora. Deixando a arma de lado, ela saiu da cama devagarinho e foi até a janela sem fazer barulho. Ele ainda estava deitado na beira da varanda olhando fixamente para o carvalho, como se estivesse calculando suas chances de pular para um galho pendurado. Não parecia tão assustador, agora que ela podia vê-lo com seu pelo áspero emaranhado de ramos, com as costelas aparecendo. Seria fácil atirar nele lá onde ele estava com seu longo rabo balançando para trás e para frente. Ela se voltava para pegar a arma quando ele virou para trás. Sem avisar, sem se curvar ou tensionar os músculos, ele pulou em direção à janela, quebrando a vidraça. Ela caiu para trás, contendo um grito e, pegando a espingarda, atirou pela janela. Ela não podia ver a pantera agora, mas não a tinha acertado. A pantera começou a andar de novo. Ela podia perceber sua cabeça e o arco de suas costas, quando o animal passava pela janela.

Tremendo, ela voltou rápido para cama e se deitou. O som constante, acalentador, do rio e da chuva, e o frio penetrante, afastaram-na do seu propósito. Ela olhou a janela e manteve a arma preparada. Depois de esperar um longo tempo, foi olhar de novo. A pantera tinha adormecido, a cabeça sobre as patas, como um gato doméstico. Pela primeira vez desde que as chuvas começaram ela sentiu vontade de chorar por si mesma, pelas pessoas, por tudo que foi atingido pela enchente. Escorregando na cama, pôs a coberta em volta dos ombros. Ela devia ter saído enquanto podia, enquanto as estradas ainda estavam desimpedidas e antes que seu barco tivesse sido levado. Enquanto balançava para frente e para trás com o movimento da casa, uma dor profunda no estômago lembrou-a de que não tinha comido. Ela não podia se lembrar por quanto tempo. Como o felino, ela estava morrendo de fome. Indo tranquilamente para a cozinha, ela fez fogo com os poucos pedaços de madeira que restavam. Se a enchente durasse, ela teria de queimar a cadeira, e talvez até a mesa. Pegando os restos de um presunto defumado que estava pendurado no teto, ela cortou grossas fatias da carne vermelho escura e colocou-as numa frigideira. O cheiro da carne frita deixou-a tonta. Havia biscoitos velhos, da última vez que ela tinha cozinhado, e ela podia fazer um pouco de café. O que não faltava era água.

Enquanto preparava a comida, quase se esqueceu do felino até que ele gemeu. Ele também estava com fome. "Me deixe comer", disse, "depois cuidarei de você". E riu consigo mesma. Enquanto pendurava o resto do presunto no gancho, o felino soltou um rugido profundo e gutural, prolongado, que fez sua mão tremer.

Depois de comer, voltou para a cama e pegou a espingarda. A casa tinha subido tão alto agora que não esbarrava mais na margem quando o rio a empurrava para lá. A comida a tinha aquecido. Ela podia se livrar do felino enquanto a luz ainda estava passando através da chuva. Aproximou-se da janela devagarinho. O felino

estava parado lá, gemendo, começando a se mexer perto da varanda. Olhou-o longamente, sem medo. Então, sem pensar no que estava fazendo, colocou a arma de lado e contornou a cama, indo para a cozinha. Atrás dela, o felino se mexia e choramingava. Ela pegou o que tinha sobrado do presunto e, caminhando até a janela pelo chão que balançava, jogou-o pela vidraça quebrada. Do outro lado, um rosnado faminto e um sobressalto. Espantada com o que tinha feito, voltou para a cama. Ela podia ouvir o barulho da pantera devorando a carne. A casa balançava em volta dela.

Quando tornou a acordar, sentiu imediatamente que tudo havia mudado. A chuva tinha parado. Ela tentou sentir o movimento da casa, mas ela não se balançava mais. Abrindo a porta, viu um mundo diferente através da tela rasgada. A casa repousava na margem onde sempre esteve. A alguns metros abaixo, o rio ainda corria numa torrente, porém não cobria mais os poucos metros entre a casa e o carvalho. A pantera tinha ido embora. No caminho entre a varanda e o carvalho e, sem dúvida, em direção ao pântano, havia pegadas indefinidas que já estavam desaparecendo na lama mole. E lá na varanda, roído até o osso, estava o resto do presunto.

Fonte: "The Gift", de Louis Dollarhide, in *Mississippi Writers: Reflections of Childhood and Youth*, Volume I, editado por Dorothy Abbott, University Press of Mississippi, 1985

O PRESENTE - QUESTÃO 2

“Ela pegou o que tinha sobrado do presunto e, caminhando até a janela pelo chão que balançava, jogou-o pela vidraça quebrada.” (linhas 112-113)

Você acha que a atitude da mulher nesta parte da história foi sensata? Explique sua resposta.

O PRESENTE - TEXTO

Utilize a história das próximas três páginas para responder às questões a seguir.

O PRESENTE

Quantos dias, se perguntava ela, tinha ficado assim sentada, olhando a água barrenta e fria subindo lentamente, desmanchando a margem. Ela apenas se lembrava vagamente do começo das chuvas inundando o pântano a partir do sul e batendo contra a parede externa da casa. Em seguida, o rio começou a subir, primeiro devagar até que, por fim, parou de subir e recuou. De hora em hora, o rio se introduzia pelos córregos e pelas os valas, alagando os lugares mais baixos. Durante a noite, enquanto ela dormia, o rio tomou posse da estrada deixando-a cercada. Então, ela se viu sozinha, seu barco desaparecera, e a casa parecia um pedaço de madeira encalhado na margem. Agora, a água tinha atingido até as tábuas de sustentação da casa. E continuava subindo.

Até onde ela podia ver – os topos das árvores na margem oposta – o pântano era como um mar vazio, lavado por camadas de chuva, e o rio estava perdido em algum lugar na sua imensidão. Sua casa, cuja base tinha a forma do fundo de um barco, tinha sido construída para enfrentar uma enchente como essa, caso algum dia isso ocorresse, mas agora estava velha. Talvez as tábuas de baixo estivessem parcialmente podres. Talvez o cabo que prendia a casa ao grande carvalho tivesse se soltado e deixado que ela fosse levada rio abaixo, como o barco.

Ninguém viria agora. Ela poderia gritar mas não adiantaria nada, ninguém ouviria. Em toda a extensão do pântano outros lutavam para salvar o pouco que pudessem, talvez até suas próprias vidas. Ela tinha visto uma casa passar flutuando tão silenciosamente que se imaginou assistindo a um funeral. Quando viu a casa, pensou que soubesse de quem era. Tinha sido muito penoso ver a casa flutuando, mas os donos deviam ter escapado para um lugar mais alto. Mais tarde, quando a chuva e a escuridão se fizeram cada vez mais intensas, ela ouviu o rugido de uma pantera vindo do lado de cima do rio.

Agora a casa parecia tremer em volta dela como se fosse algo vivo. Ela se esticou para pegar uma lâmpada que estava caindo da mesa ao lado da cama e colocou-a entre seus pés para mantê-la firme. Então, a casa, rangendo e estalando, lutava com esforço para manter-se em pé, flutuava livremente como uma rolha e foi virando devagar com o movimento do rio. Ela se agarrou na beira da cama. Balançando de um lado para o outro, a casa movimentou-se ao longo da sua extensão. Houve um solavanco brusco e ouviu-se um ranger de madeiras velhas, e então uma pausa. Lentamente a corrente soltou a casa raspando a base. Ela prendeu a respiração e sentou-se por um longo tempo, sentindo os movimentos oscilantes e vagarosos. A escuridão se espalhou pela chuva incessante e, com a cabeça apoiada no braço, ela dormiu agarrada à cama.

No meio da noite, o grito despertou-a, um som tão angustiante que a fez pular da cama antes de acordar. No escuro, tropeçou na cama. O grito vinha lá de fora, da direção do rio. Ela podia ouvir algo se mexendo, algo grande que fez um barulho estrondoso. Talvez fosse uma outra casa. Depois algo bateu, não de frente, mas saiu raspando pela lateral da casa. Era uma árvore. Ela escutou quando os galhos e as folhas se soltaram e foram rio abaixo, deixando só a chuva e os rumores da enchente, tão constantes agora que até pareciam uma parte do silêncio. Encolhida na cama, ela já estava quase dormindo de novo quando ouviu outro grito, desta vez tão próximo que poderia ter sido no quarto. Tentando ver no escuro, moveu-se para trás até que sua mão sentiu a forma fria da espingarda. Então se agachou sobre o travesseiro, apertando a arma nos joelhos. “Quem está aí?”, perguntou.

A resposta foi outro grito, menos estridente, como que cansado. Depois um profundo silêncio. Ela se recostou na cama. O que quer que estivesse ali, ela podia escutá-lo se mexer perto da varanda. As tábuas rangiam e ela podia distinguir o som de objetos sendo derrubados. Houve um barulho de unhas arranhando a parede como se a estivessem abrindo. Subiu então o que era: um grande gato, deixado

pela árvore arrancada que tinha passado por ela. Ele veio com a enchente. Um presente.

Inconscientemente, apertou a mão contra o rosto e a garganta contraída. A espingarda balançava nos seus joelhos. Ela nunca tinha visto uma pantera na sua vida. Tinha ouvido histórias sobre elas contadas por outras pessoas e tinha ouvido seus rugidos, como lamentos, à distância. O gato estava arranhando a parede novamente e batendo na janela perto da porta. Enquanto estivesse na janela e mantivesse o felino preso pela parede e pela água, ela estaria a salvo. Lá fora, o animal parou para raspar suas unhas na tela enferrujada. De vez em quando, ele gemia e rugia.

Quando, finalmente, a luz se infiltrou através da chuva, parecendo um outro tipo de escuridão, ela ainda estava sentada na cama, rígida e fria. Seus braços, acostumados a remar no rio, doíam de tanto segurar a espingarda. Ela quase não tinha se mexido de medo de fazer qualquer barulho que pudesse provocar o felino. Rígida, ela balançava junto com a casa. A chuva continuava a cair como se nunca fosse parar. Através da luz cinzenta, finalmente ela podia ver a enchente provocada pelas chuvas e lá longe a forma indefinida dos topos das árvores submersas. Neste momento o felino não se mexia. Talvez ele tivesse ido embora. Deixando a arma de lado, ela saiu da cama devagarinho e foi até a janela sem fazer barulho. Ele ainda estava deitado na beira da varanda olhando fixamente para o carvalho, como se estivesse calculando suas chances de pular para um galho pendurado. Não parecia tão assustador, agora que ela podia vê-lo com seu pelo áspero emaranhado de ramos, com as costelas aparecendo. Seria fácil atirar nele lá onde ele estava com seu longo rabo balançando para trás e para frente. Ela se voltava para pegar a arma quando ele virou para trás. Sem avisar, sem se curvar ou tensionar os músculos, ele pulou em direção à janela, quebrando a vidraça. Ela caiu para trás, contendo um grito e, pegando a espingarda, atirou pela janela. Ela não podia ver a pantera agora, mas não a tinha acertado. A pantera começou a andar de novo. Ela podia perceber sua cabeça e o arco de suas costas, quando o animal passava pela janela.

Tremendo, ela voltou rápido para cama e se deitou. O som constante, acalentador, do rio e da chuva, e o frio penetrante, afastaram-na do seu propósito. Ela olhou a janela e manteve a arma preparada. Depois de esperar um longo tempo, foi olhar de novo. A pantera tinha adormecido, a cabeça sobre as patas, como um gato doméstico. Pela primeira vez desde que as chuvas começaram ela sentiu vontade de chorar por si mesma, pelas pessoas, por tudo que foi atingido pela enchente. Escorregando na cama, pôs a coberta em volta dos ombros. Ela devia ter saído enquanto podia, enquanto as estradas ainda estavam desimpedidas e antes que seu barco tivesse sido levado. Enquanto balançava para frente e para trás com o movimento da casa, uma dor profunda no estômago lembrou-a de que não tinha comido. Ela não podia se lembrar por quanto tempo. Como o felino, ela estava morrendo de fome. Indo tranquilamente para a cozinha, ela fez fogo com os poucos pedaços de madeira que restavam. Se a enchente durasse, ela teria de queimar a cadeira, e talvez até a mesa. Pegando os restos de um presunto defumado que estava pendurado no teto, ela cortou grossas fatias da carne vermelho escura e colocou-as numa frigideira. O cheiro da carne frita deixou-a tonta. Havia biscoitos velhos, da última vez que ela tinha cozinhado, e ela podia fazer um pouco de café. O que não faltava era água.

Enquanto preparava a comida, quase se esqueceu do felino até que ele gemeu. Ele também estava com fome. "Me deixe comer", disse, "depois cuidarei de você". E riu consigo mesma. Enquanto pendurava o resto do presunto no gancho, o felino soltou um rugido profundo e gutural, prolongado, que fez sua mão tremer.

Depois de comer, voltou para a cama e pegou a espingarda. A casa tinha subido tão alto agora que não esbarrava mais na margem quando o rio a empurrava para lá. A comida a tinha aquecido. Ela podia se livrar do felino enquanto a luz ainda estava passando através da chuva. Aproximou-se da janela devagarinho. O felino

estava parado lá, gemendo, começando a se mexer perto da varanda. Olhou-o longamente, sem medo. Então, sem pensar no que estava fazendo, colocou a arma de lado e contornou a cama, indo para a cozinha. Atrás dela, o felino se mexia e choramingava. Ela pegou o que tinha sobrado do presunto e, caminhando até a janela pelo chão que balançava, jogou-o pela vidraça quebrada. Do outro lado, um rosnado faminto e um sobressalto. Espantada com o que tinha feito, voltou para a cama. Ela podia ouvir o barulho da pantera devorando a carne. A casa balançava em volta dela.

Quando tornou a acordar, sentiu imediatamente que tudo havia mudado. A chuva tinha parado. Ela tentou sentir o movimento da casa, mas ela não se balançava mais. Abrindo a porta, viu um mundo diferente através da tela rasgada. A casa repousava na margem onde sempre esteve. A alguns metros abaixo, o rio ainda corria numa torrente, porém não cobria mais os poucos metros entre a casa e o carvalho. A pantera tinha ido embora. No caminho entre a varanda e o carvalho e, sem dúvida, em direção ao pântano, havia pegadas indefinidas que já estavam desaparecendo na lama mole. E lá na varanda, roído até o osso, estava o resto do presunto.

Fonte: "The Gift", de Louis Dollarhide, in *Mississippi Writers: Reflections of Childhood and Youth*, Volume I, editado por Dorothy Abbott, University Press of Mississippi, 1985

O PRESENTE - QUESTÃO 3

Na linha 54 é dada uma interpretação do título da história: "veio com a enchente. Um presente".

Que outro significado o título "O Presente" tem na história?

A tecnologia cria a necessidade de novas regras

A CIÊNCIA tem tendência a andar adiante da lei e da ética. Isso se comprovou, de forma dramática, em 1945, no plano de destruição da vida, com a bomba atômica, e está acontecendo, agora, no lado criativo da vida, com as técnicas para superar a infertilidade humana.

Muitos de nós nos alegramos com a família Brown, na Inglaterra, quando Louise, o primeiro bebê de proveta, nasceu. E temos nos maravilhado com outros primeiros — mais recentemente, os nascimentos de bebês saudáveis cujos embriões foram congelados para esperar o momento apropriado de implantação na futura mãe.

É sobre dois desses embriões congelados, na Austrália, que uma tempestade de questões legais e éticas vêm se precipitando. Os embriões destinavam-se a ser implantados em Elsa Rios, esposa de Mario Rios. Um implante anterior não havia tido sucesso e os Rios queriam uma nova oportunidade de se tornar pais. Mas, antes dessa segunda oportunidade acontecer, os Rios morreram num acidente aéreo.

O que o hospital australiano deveria fazer com os embriões congelados? Poderiam eles ser implantados em outras pessoas? Diversos voluntários se apresentaram. Teriam os embriões direitos com relação ao substancial patrimônio dos Rios? Ou deveriam os embriões ser destruídos? Os Rios, obviamente, não haviam deixado qualquer determinação com relação ao futuro desses embriões.

Os australianos criaram uma comissão para tratar do assunto. Na semana passada, esta comissão apresentou seu relatório. Os embriões deveriam ser descongelados, dizia o resultado, porque a doação de embriões a outras pessoas requereria o consentimento dos doadores, e esse

consentimento não havia sido dado. A comissão sustentou também que os embriões, no presente estado, não tinham nem vida nem direitos e, assim, poderiam ser destruídos.

Os membros da comissão estavam cientes de que pisavam em áreas legais e éticas escorregadias. Assim, por conseguinte determinaram que fosse dado prazo de três meses para que a opinião pública pudesse se manifestar com relação às recomendações da comissão. Caso houvesse um clamor maciço contra a destruição dos embriões, a comissão reconsideraria a situação.

A partir de agora, os casais que se inscrevem no hospital Queen Victoria, de Sydney, para programas de fertilização in vitro devem especificar o que deverá ser feito com os embriões se alguma coisa acontecer a eles.

Isso assegura que situação semelhante à dos Rios não se repita. Mas, como ficam outras questões complexas? Na França, uma mulher teve que comparecer ao tribunal, recentemente, para ser autorizada a ter uma criança a partir do esperma congelado de seu falecido marido. De que forma questões como essas deverão ser conduzidas? O que deverá ser feito se uma mãe substituta (de aluguel) quebrar o contrato e se recusar a entregar a criança para a pessoa a quem ela prometeu fazer o trabalho de gestação?

Nossa sociedade não conseguiu, até o momento, fazer vigorar regras para controlar o potencial destrutivo da energia atômica. Estamos colhendo a safra maldita resultante desse fracasso. As possibilidades de uso indevido da capacidade dos cientistas de avançar ou retardar a procriação são vastas. As fronteiras éticas e legais devem ser estabelecidas antes que nos deixemos levar demasiadamente longe.

NOVAS REGRAS - QUESTÃO 2

Cite dois exemplos do editorial que ilustram de que maneira a tecnologia moderna, como a tecnologia usada para a implantação de embriões congelados, cria a necessidade de novas regras.

TEXTO 1

Sumário. Desde a morte de Léocádia, o Príncipe, que estava apaixonado por ela, está inconsolável. A Duquesa, sua tia, encontrou Amanda, uma jovem serviçal de *Réséda Soeurs*, que, surpreendentemente, se parece com Léocádia. A Duquesa quer que Amanda a ajude a libertar o Príncipe das memórias que o assombram.

Abaixo estão algumas das orientações de cenário fornecidas pelo autor na "CENA DOIS" da peça:

"Uma encruzilhada nos jardins do castelo, um banco circular em volta de um pequeno obelisco"... "a noite está caindo."

- AMANDA
- Ainda não entendi. O que posso eu fazer por ele, minha senhora? Não posso acreditar que a senhora tenha pensado por ventura ... E por que eu? Eu não sou particularmente bonita. E mesmo muito bonita—quem poderia se colocar subitamente entre ele e suas lembranças?
- 5
- A DUQUESA
- 10 Ninguém, a não ser você.
- AMANDA, *sinceramente surpresa*
- Eu?
- A DUQUESA
- O mundo é tão tolo, minha filha. Enxerga somente desfiles, gestos, distintivos oficiais... embora nunca tenham lhe contado isto. Mas meu coração não me enganou—Eu quase gritei quando vi você pela primeira vez em *Réséda Soeurs*. Para alguém que conheceu de Leocádia mais do que seu fantasma, você é sua imagem perfeita.
- 15
- Um silêncio. Os pássaros da noite tomam o lugar dos pássaros da tarde. Os jardins estão cobertos por sombras e gorjeios.*
- 20
- AMANDA, *muito gentilmente*
- Não acredito que eu possa, minha senhora. Não tenho nada, não sou nada, mas estes amantes...no entanto, esta era a minha fantasia, não era?
- 25
- 30 *Ela se levantou. Como se estivesse saindo de férias, pegou sua maleta.*
- A DUQUESA, *gentilmente também, e muito cansada*
- É claro, minha querida. Eu peço desculpas.
- 35 *Em seguida, ela se levanta com dificuldade como uma velha senhora. A campainha de uma bicicleta é ouvida na noite, ela se sobressalta.*
- 40 Ouça...é ele! Simplesmente mostre-se a ele, inclinando-se contra este pequeno obelisco onde ele a encontrou pela primeira vez. Deixe que ele veja você, mesmo que seja só esta vez. Deixe que ele grite e de repente se interesse por essa semelhança, este estratagema que eu confessarei a ele amanhã e pelo qual ele me detestará—qualquer coisa para evitar que esta garota morta o leve consigo e o afaste de mim. Tenho certeza de que qualquer dia destes...(ela toma a jovem pelo braço) Você fará isto, não é? Eu lhe imploro muito humildemente, minha jovem. *(Ela a olha suplicantemente e logo acrescenta:)* E deste modo, você o verá também. E... eu sinto que ainda estou ruborizada por dizer isso a você—
- 45 a vida é tão louca! Esta será a terceira vez em sessenta anos e a segunda em dez minutos—você o verá e se ele puder...—por que não ele, que é bonito e charmoso e já passou pelo pior?—se ele puder ter a sorte, para si próprio e para mim, de ser, ao menos por um momento, sua fantasia. *A campainha soa novamente nas sombras, mas muito próxima agora.*
- 50
- 55
- 60
- AMANDA, *murmurando*
- 65 O que devo dizer a ele?
- A DUQUESA, *segurando seu braço*

Diga-lhe simplesmente: "Com licença, meu senhor, poderia me informar o caminho para o mar?" "

- 70 *Ela se apressou em direção às sombras mais intensas das árvores. No momento certo. Um tênue vulto. É o Príncipe em sua bicicleta. Ele passa muito perto do vulto tênue de Amanda próximo ao obelisco. Ela murmura.*

- 75 AMANDA
- Desculpe-me, senhor ...
- Ele pára, desce da bicicleta, tira seu chapéu e olha para ela.*

- O PRÍNCIPE
- 80 Sim, senhorita?

- AMANDA
- Poderia me informa o caminho para o mar?

- THE PRINCE
- É o segundo à sua esquerda, senhorita.
- 85 *Ele, de maneira triste e cortês, volta para a bicicleta e se afasta. A campainha é ouvida novamente à distância. A duquesa surge das sombras, uma mulher muito velha.*

- AMANDA, *gentilmente, depois de um tempo*
- 90 Ele não me reconheceu...

- A DUQUESA
- Estava escuro... E depois, quem sabe que imagem ele faz dela atualmente em seus sonhos? *(Ela pergunta timidamente:)* O último trem já partiu, minha jovem. Você não gostaria de ficar no castelo esta noite?
- 95

- AMANDA, *com uma voz estranha*
- Sim, Senhora.
- Está completamente escuro. As duas não podem mais ser vistas nas sombras, e apenas o vento pode ser ouvido entre as imensas árvores dos jardins.
- 100

- A CORTINA CAI
- 105 Fonte : Jean ANOUILH, *Léocádia* (final da Cena II).
Publicado por: LA TABLE RONDE, 1984

TEXTO 2

Definições de algumas atividades teatrais

- **ator**: representa uma personagem no palco.
- **diretor**: comanda e controla todos os aspectos de uma peça. Ele não apenas posiciona os atores, organiza as entradas e saídas e dirige suas atuações, como também sugere como o *roteiro* deve ser interpretado.
- **alfaiates, figurinistas**: produzem o vestuário a partir de um modelo.
- **cenógrafo**: projeta os cenários e o vestuário na forma de modelos. Estes modelos são, então, confeccionados em tamanho real nas oficinas.
- **contra-regra**: encarregado de encontrar os acessórios necessários. A palavra "acessórios" é utilizada para indicar tudo que pode ser movimentado: poltrona, carta, luminária, ramallete de flores, etc. Os cenários e o vestuário não são acessórios.
- **técnico de som**: encarregado de todos os efeitos sonoros necessários para a produção. Ele está no comando durante o espetáculo.
- **assistente de iluminação ou técnico de iluminação**: encarregado da iluminação. A iluminação é tão sofisticada que um teatro bem equipado pode empregar cerca de dez técnicos de iluminação. Ele também fica no comando durante o espetáculo.

ANOUILH - QUESTÃO 2

No texto, há orientações em relação à maneira como os atores devem desempenhar seus papéis. Como estas orientações podem ser reconhecidas?

TEXTO 1

Sumário. Desde a morte de Léocádia, o Príncipe, que estava apaixonado por ela, está inconsolável. A Duquesa, sua tia, encontrou Amanda, uma jovem serviçal de *Réséda Soeurs*, que, surpreendentemente, se parece com Léocádia. A Duquesa quer que Amanda a ajude a libertar o Príncipe das memórias que o assombram.

Abaixo estão algumas das orientações de cenário fornecidas pelo autor na "CENA DOIS" da peça:

"Uma encruzilhada nos jardins do castelo, um banco circular em volta de um pequeno obelisco"... "a noite está caindo."

- AMANDA
Ainda não entendi. O que posso eu fazer por ele, minha senhora? Não posso acreditar que a senhora tenha pensado por ventura ... E por que eu? Eu não sou particularmente bonita. E mesmo muito bonita—quem poderia se colocar subitamente entre ele e suas lembranças?
- 5
- A DUQUESA
10 Ninguém, a não ser você.
- AMANDA, *sinceramente surpresa*
Eu?
- A DUQUESA
15 O mundo é tão tolo, minha filha. Enxerga somente desfiles, gestos, distintivos oficiais... embora nunca tenham lhe contado isto. Mas meu coração não me enganou—Eu quase gritei quando vi você pela primeira vez em *Réséda Soeurs*. Para alguém que conheceu de Leocádia mais do que seu fantasma, você é sua imagem perfeita.
- Um silêncio. Os pássaros da noite tomam o lugar dos pássaros da tarde. Os jardins estão cobertos por sombras e gorjeios.*
- 25
- AMANDA, *muito gentilmente*
Não acredito que eu possa, minha senhora. Não tenho nada, não sou nada, mas estes amantes...no entanto, esta era a minha fantasia, não era?
- 30 *Ela se levantou. Como se estivesse saindo de férias, pegou sua maleta.*
- A DUQUESA, *gentilmente também, e muito cansada*
É claro, minha querida. Eu peço desculpas.
35 *Em seguida, ela se levanta com dificuldade como uma velha senhora. A campainha de uma bicicleta é ouvida na noite, ela se sobressalta.*
40 Ouça...é ele! Simplesmente mostre-se a ele, inclinando-se contra este pequeno obelisco onde ele a encontrou pela primeira vez. Deixe que ele veja você, mesmo que seja só esta vez. Deixe que ele grite e de repente se interesse por essa semelhança, este estratagemma que eu confessarei a ele amanhã e pelo qual ele me detestará—qualquer coisa para evitar que esta garota morta o leve consigo e o afaste de mim. Tenho certeza de que qualquer dia destes...(ela toma a jovem pelo braço) Você fará isto, não é? Eu lhe imploro muito humildemente, minha jovem. (*Ela a olha suplicantemente e logo acrescenta:*) E deste modo, você o verá também. E... eu sinto que ainda estou ruborizada por dizer isso a você—
55 a vida é tão louca! Esta será a terceira vez em sessenta anos e a segunda em dez minutos—você o verá e se ele puder...—por que não ele, que é bonito e charmoso e já passou pelo pior?—se ele puder ter a sorte, para si próprio e para mim, de ser, ao menos por um momento, sua fantasia. *A campainha soa novamente nas sombras, mas muito próxima agora.*
- 60
- AMANDA, *murmurando*
65 O que devo dizer a ele?
- A DUQUESA, *segurando seu braço*

Diga-lhe simplesmente: "Com licença, meu senhor, poderia me informar o caminho para o mar?" "

- 70 *Ela se apressou em direção às sombras mais intensas das árvores. No momento certo. Um ténue vulto. É o Príncipe em sua bicicleta. Ele passa muito perto do vulto ténue de Amanda próximo ao obelisco. Ela murmura.*

- 75
- AMANDA
Desculpe-me, senhor ...
Ele pára, desce da bicicleta, tira seu chapéu e olha para ela.

- O PRÍNCIPE
80 Sim, senhorita?

- AMANDA
Poderia me informa o caminho para o mar?

- THE PRINCE
É o segundo à sua esquerda, senhorita.
85 *Ele, de maneira triste e cortês, volta para a bicicleta e se afasta. A campainha é ouvida novamente à distância. A duquesa surge das sombras, uma mulher muito velha.*

- AMANDA, *gentilmente, depois de um tempo*
90 Ele não me reconheceu...

- A DUQUESA
Estava escuro... E depois, quem sabe que imagem ele faz dela atualmente em seus sonhos? (*Ela pergunta timidamente:*) O último trem já partiu, minha jovem. Você não gostaria de ficar no castelo esta noite?
- 95

- AMANDA, *com uma voz estranha*
Sim, Senhora.
Está completamente escuro. As duas não podem mais ser vistas nas sombras, e apenas o vento pode ser ouvido entre as imensas árvores dos jardins.
- 100

- A CORTINA CAI
105 Fonte : Jean ANOUILH, *Léocádia* (final da Cena II).
Publicado por: LA TABLE RONDE, 1984

TEXTO 2

Definições de algumas atividades teatrais

- **ator**: representa uma personagem no palco.
- **diretor**: comanda e controla todos os aspectos de uma peça. Ele não apenas posiciona os atores, organiza as entradas e saídas e dirige suas atuações, como também sugere como o *roteiro* deve ser interpretado.
- **alfaiates, figurinistas**: produzem o vestuário a partir de um modelo.
- **cenógrafo**: projeta os cenários e o vestuário na forma de modelos. Estes modelos são, então, confeccionados em tamanho real nas oficinas.
- **contra-regra**: encarregado de encontrar os acessórios necessários. A palavra "acessórios" é utilizada para indicar tudo que pode ser movimentado: poltrona, carta, luminária, ramallete de flores, etc. Os cenários e o vestuário não são acessórios.
- **técnico de som**: encarregado de todos os efeitos sonoros necessários para a produção. Ele está no comando durante o espetáculo.
- **assistente de iluminação ou técnico de iluminação**: encarregado da iluminação. A iluminação é tão sofisticada que um teatro bem equipado pode empregar cerca de dez técnicos de iluminação. Ele também fica no comando durante o espetáculo.

ANOUILH - QUESTÃO 3

Abaixo encontra-se uma lista de técnicos de teatro envolvidos na encenação desta passagem do *roteiro*. Complete a tabela a seguir copiando uma direção de palco precisa do TEXTO 1 que exigiria o envolvimento de cada técnico. Forneça o número da linha no texto (linhas 1-104) onde a orientação começa.

O primeiro serve como exemplo para você.

Técnicos de teatro	Direção de palco	Número da linha
Cenógrafo	(castelo) terras	linha 23
contra-regra		
técnico de som		
técnico de iluminação		